

O inconsciente: do saber insabido ao saber inventado

Uma descoberta lacaniana a partir de Freud

Esses três últimos anos tem sido de muita produção, muitos fóruns online, conferências, e discursões sobre os Matemas, sobre a Topologia da Cadeia Borromeana e sua implicação com a clínica psicanalítica, sobre o Saber, a Verdade, o Sujeito, o Objeto, a letra e os Gozos.

O título dessas anotações que trouxe para conversar com vocês: “O inconsciente: do saber insabido ao saber inventado” me possibilitou retornar a esse fundamento inventado por Freud e relido por Lacan ao longo dos seus 40 anos de prática.

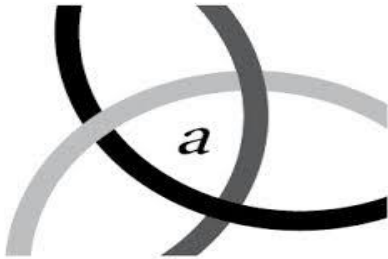
Sabemos que Lacan, fato que é cantado em poesia e prosa, no retorno que fez a Freud, com o objetivo de recolocar a Psicanálise no seu trilho, tomou o “Livro do Sonhos”, “O Chiste e sua relação com o inconsciente” e “A psicopatologia da vida cotidiana” como uma das principais referências para podermos ter uma breve noção de como a Psicanálise opera - questão que esteve presente em toda a obra de Lacan -, sugerindo que todos os psicanalistas deveriam retornar sempre a eles.

No final do seu ensino, já realizado o que aqui vou chamar de terceira volta (alguns colegas chamam de terceiro tempo, Milner, no livro “A obra clara” nomeia de segundo classicismo), no seminário 24, “O não sabido que sabe de um-equívoco é o amor”, jogando com a homofonia das palavras, com a jaculação, Lacan retoma a estrutura das formações do inconsciente, e volta a afirmar que o inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência (pasmem: estávamos no ano 1976) Cito: “O um-equívoco é uma tradução tão boa do *Unberwusst* quanto qualquer outra, como o inconsciente, em particular, que em francês, e em alemão também equivoca com a inconsciência. O inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência, desde então por que não traduzir tranquilamente por um equívoco?”

Os sonhos, os atos falhos, os sintomas e os chistes constituem um-equívoco, esclarece, mas com o título “o não sabido que sabe do um equívoco é o amor” ele tentará introduzir algo que vai mais além do inconsciente. Seria o corpo na suas 3 consistências Imaginária, Simbólica e Real? Seria o Saber do Real? Seria o Inconsciente Real?

No Seminário 22, o RSI, Lacan já nos fala do inconsciente Real, Real por ser furado...

Ele nos diz que a noção do inconsciente se suporta nisto que, essa cadeia feita por 3 nós, não só a encontramos já feita, mas a encontramos feita numa outra entonação da expressão “Estamos feitos!”. Estamos feitos desse ato X pelo qual o “nó” está feito (aqui ele se refere ao buracotrauma – *tourmautisme*, neologismo *tour* – *traumatisme* - responsável pelo enodamento das 3 consistências inventado durante o Seminário 21, lição 19/02/1974, pag 143), localizado na sobreposição dos buracos do Real, do Simbólico e do Imaginário.



E conclui esse parágrafo dizendo “Não há outra definição possível para o inconsciente. O inconsciente é o Real, meço meus termos. Se digo é o Real por ser furado, me adianto.”

Mas voltemos um pouco mais para a lição de 19 de fevereiro de 1974 para entender o que Lacan está se referindo nessa passagem do seminário 22.

Depois de dizer que o masoquismo é papo furado, ele diz que é um saber... um saber-fazer mesmo... um saber que se inventa... Um saber manejável, que se inventa para tentar preencher o buraco do REAL. Ali onde não há proporção sexual, isso faz *troumatisme*. A gente não inventa o que quer... inventa o que é possível para cada um.

Das 4 formações do inconsciente ele destaca o chiste porque no chiste a gente se reconheceria pois ele comporta lalingua – essa língua particular que afeta o corpo –, por esse motivo o chiste é interessante como formação do inconsciente.

A invenção desse neologismo lalingua nos mostra como Lacan, sendo freudiano, era bem lacaniano... voltemos a 1970, ano do seminário 19* “O saber do Psicanalista”, referindo-se ao livro, recentemente publicado, “Dicionário de Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis, faz um lapso e se refere ao dicionário de Filósofica, de autoria de Lalande... lapso realizado, neologismo construído: lalande virou *lalanguue/lalíngua*. Uma rede de significantes solidária à polifonia e encarnada na voz, responsável pela constituição do Sujeito através da operação de incorporação. *Lalanguue* vai ganhar, no ensino de Lacan, um estatuto lógico e topológico importante.

“Este caos sonoro de lalingua que adquire um estatuto Real vai se utilizar da superfície Real do corpo como leito para inscrever as primeiras letras ou significantes na carne, ou melhor, no corpo tórico que sustenta o Sujeito. (Lacan, 1976-1977)

É também nesse seminário, o 24, que o final de análise vai ser interrogado... Seria esse a identificação ao inconsciente? A esse fundamento da Psicanálise que tanto nos interessa?

Não!

O final de análise proposto nesses últimos anos do seu ensino é identificar-se, mas não ao inconsciente, muito menos ao analista.

O final de análise a se esperar é identificar-se ao sintoma!

Sintoma aqui entendido como sendo o melhor que o Sujeito, suportado no corpo do analisante, pode fazer por ele mesmo... Sujeito aqui como um bom artesão, responsável por colocar as pedras no seu próprio caminho, como nos diz Aurélio Souza, nos fóruns do Espaço Moebius... sim, no caminho tem uma pedra, ou várias, mas todas talhadas e colocadas pelo próprio Sujeito no ato do seu caminhar...

No texto de 1965 “A ciência e a verdade”, Lacan (2003), comenta que, por nossa condição de Sujeito, somos sempre responsáveis. Por mais que se atribua ao Outro, a Deus, ou às estrelas a causalidade do sofrimento, daquilo que nos afeta, a questão recai, sempre, sobre a responsabilidade do Sujeito, ou seja, o Sujeito é sempre responsável, na medida do saber-fazer... saber insabido, porém inventado, do inconsciente.

Então, em que consiste uma análise que alcança o seu fim, a sua finalidade?

Nos diz Lacan: “É possibilitar ao Sujeito identificar-se, tomando suas garantias de uma espécie de distância, a seu sintoma”. (Seminário 24 e 25)

Identificar-se implica em conhecer, em saber lidar, *savoir y faire*. ... saber desvencilhar-se dele.

Então, é da responsabilidade do Sujeito inventar o inconsciente que o determina, em ato, na medida que inventa, como um artesão, seus artifícios, sua “poesis”, para poder desvencilhar-se daquilo que o embaraça, barrando assim os efeitos da invasão dos pedaços do Real que o afeta, efeitos que causam um desarranjo na estrutura.

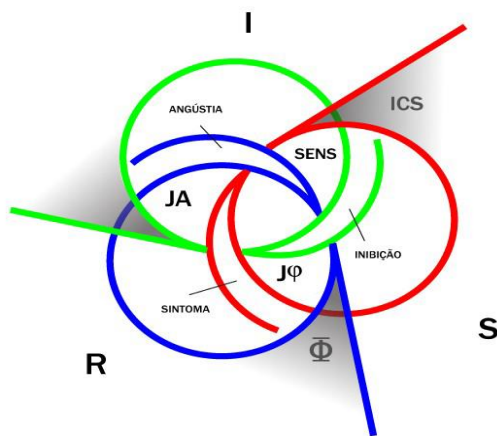
Estrutura que, depois da introdução realizada por Lacan dos Nós e Cadeias como operadores da Psicanálise, passa a ser concebida a partir do enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário, que, entrelaçados borromeamente ou não, mas sempre

enodados, juntos e equivalentes, formam a estrutura de linguagem que determina o espaço topológico do ser da fala. Cadeia que não é um nó, não é um modelo, não é uma metáfora. Não é a realidade, é o Real!

No seminário “O momento de concluir”, de 1978, Lacan volta a afirmar que é sim possível definir o final de análise.

“O final de análise é quando se deu duas voltas, isto é, quando se achou aquilo que se está prisioneiro. Recomeçar duas vezes a volta em círculo, certamente não é necessário, basta que se veja de que se está cativo, e o inconsciente é isso. É a face do Real à qual se está embaraçado.”.

O Inconsciente por sobre o Simbólico, isso é, sobre o que, do significante, faz buraco...



A análise, então, não consiste em ser liberado do seu sintoma. A análise consiste em que se saiba por que se está embaraçado a ele.

Saber que se inventa pelo fato de haver Simbólico.

Aprendemos a falar, e isso deixa traços, muitos traços. Porque isso deixa traços, isso tem consequências, prova disso são os sintomas. A análise consiste em inventar um saber sobre o porque se tem esses sintomas.

A análise é, então, ligada ao saber.

Interessante que é o próprio Lacan que reconhece que esse fato da análise é muito suspeito e presta a toda sorte de sugestões, que é exatamente a palavra que se deve evitar.

Então o inconsciente para a Psicanálise é isso, é que se aprende a falar, e que por isso se é deixado “sugerir”, pela linguagem, toda espécie de coisa?

Isso vem a causar equívocos. E são com esses equívocos que o psicanalista opera. Opera com a fala, com o que se ouve por traz do que se diz. Opera com o dizer, pois só pela fala que pode ser desfeito o que pela fala foi feito. Uma fala para ser lida, lida de outra maneira do que foi dita.

Assim, a Psicanálise foi se constituindo como uma prática de tagarelice mas também de leitura pois há, seguramente, escrita no inconsciente. E são os analisantes que nos ensinam isso.

É bem por esse fato que testemunhamos, na nossa experiência, que cada analisante ao tomar a palavra, diz mais do que quer dizer ou mesmo, na maioria das vezes não sabe o que diz...

Ele não sabe o que diz pois se trata de um saber insabido que vai ser inventado à medida que a regra fundamental da análise é seguida... falar o que lhe passa na cabeça, não importa o que... Quando o analisante fala, algo ali, no seu dizer ressoa: o analista “corta” ao ouvir esse ressoar possibilitando ao analisante ler de uma outra forma a sua própria mensagem de forma invertida.

Um brevíssimo recorte clínico: um analisante, ao fazer queixas da mulher, diz: “sendo mulher eu como... imagina se fosse homem...”

A analista corta e devolve para o analisante: ...e se fosse homem...

O analisante: ...se fosse homem eu fazia amor...

Fim da sessão.

Quase uma epifania joyciana...

Não preciso nem dizer que a análise deu uma virada...essa intervenção teve efeito de interpretação e possibilitou ao analisante experienciar um momento de concluir “se fosse homem eu fazia amor”, que fez uma intervenção no tempo de compreender, demandando várias sessões, para só a partir daí inaugurar um instante de ver... Os três tempo do tempo lógico necessários para que algo novo do lado função Sujeito se realize.

Na estrutura Real, Simbólico e Imaginário, podemos obter como resultado - essa é a minha aposta para uma análise -, com uma intervenção, que tem efeito de corte, efeito de interpretação do lado função Sujeito, uma cirurgia no entrelaçamento..., um descruzamento, transformação radical, passando-se da criação de algo novo ao novo como invenção.

Seria, na minha leitura, o que Lacan chamou, anos antes dos “anos 70”, anos antes de ter nas mãos, como uma luva seu “nó Bo camarada”, ato de *novação*. (Seminário 11, 1964)

Ato que possibilitou ao analisante do fragmento citado inventar um saber sobre sua “meia Verdade”, instrumentalizando-se a se declarar “mulher”, assumindo assim uma outra posição diante o sexo.

Lacan já nos dizia que o analista corta. O que ele diz é corte, isto é, participa da escrita, na medida em que equivoca sobre a ortografia. Ele escreve de um modo diferente, de maneira que, pela graça da ortografia, e não da gramática, soa outra coisa que é dita por “trás” da intenção do dito... Por esse motivo Lacan nos adverte: nem no que diz o analista, nem no que diz o analisante, há outra coisa senão escrita.

Uma outra frase que nos serve para fazer um pouco de poesia é:

Ai meu bem, assim não dá.

Ai meu bem, assim...

Ai meu bem...

Ai...

E não foi exatamente por essa advertência que o desejo de analista foi posto em evidência?

O Sujeito suposto ao saber é suposto saber o quê?

Como ele opera?

O que se espera do analista não é que ele, no lugar de semblante de objeto, lugar que lhe é atribuído pelo analisante – lembremos: só a analista porque há analisante – saiba operar convenientemente: que ele possa se dar conta do alcance das suas palavras... fato que muitas vezes não é levado em conta?

Mas voltemos um pouco no tempo...tempo... tempo... tempo...

Antes de 1953 não seria uma forçação (força/ação) de barra dizer que a aposta da Psicanálise tinha o Imaginário no centro da experiência.

A partir de 1953 vemos o Simbólico roubando a cena.

Tempo de ouro do estruturalismo e um forte papel da linguística. Tempo dos aforismos: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” (e não como uma língua), ou seja, a linguagem é a condição do inconsciente, e não o contrário. Encontramos também “O inconsciente é o discurso do Outro”. Tempo importante para a Psicanálise que é também chamado de “topologia dos significantes”.

A partir do Seminário 9, A identificação, o Real enquanto consistência, timidamente, passa a ocupar um lugar de importância na cena analítica. Agora um tempo marcado pela topologia dos objetos de superfície.

Já no Seminário “O avesso da Psicanálise”, livro 17, com a introdução dos 4 discursos da Psicanálise, um novo tempo se inaugura... os lugares e as letras ganham um destaque importante na práxis. É quando Lacan lança novo aforismo: “A Psicanálise é um discurso sem palavras”. O que se espera de uma análise é que haja um deslocamento na economia dos discursos. Discurso aqui como estrutura... laço social entre o analisante e seu analista, restrito a análise em intens(ç)ão. O inconsciente é então entendido como um efeito de discurso.

Lugares:	
agente verdade	outro produção
Discurso do Mestre	Discurso do Universitário
$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$	$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$
Discurso da Histórica	Discurso do Analista
$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$	$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$

Em Televisão (Outros escritos. pag 517), Lacan diz “O discurso que digo analítico é o laço social determinado na prática de uma análise. Ele merece ser levado à altura dos mais fundamentais dentre os laços que continuam em atividade para nós.”

Nos discursos é interessante notar que, quando o saber está em cima da barra, não se trata do saber inventado, saber do inconsciente, e sim do saber da cultura, conhecimento, saber teórico... como no discurso do mestre e no discurso universitário. Tem uma outra função que não é a do saber inventado e muitas vezes impede a análise de avançar.

Sabemos que a Psicanálise opera a partir do discurso que a condiciona. E isso não é pouca coisa...

Só dois anos após o Seminário “Averso da Psicanálise”, Lacan é apresentado a um objeto que lhe era desconhecido, apesar do seu vasto conhecimento da matemática: a cadeia borromeana. Esse objeto topológico que lhe cai como uma luva nas mãos - sob medida - e ele soube tirar muito proveito disso.

Com a lógica e a topologia dos nós, nós que entrelaçados fazem cadeia, vem o enunciado: não há proporção/correspondência sexual.

Este passa, então, a ser o fundamento da Psicanálise. Um avanço importante instaurado por Lacan nos anos 70 que inaugura uma nova era, com novos operadores e implicações na nossa práxis.

Assim, Lacan, depois de muito procurar, encontra, e logo introduz a cadeia borromeana no seu ensino. E por que faz isso? Ele mesmo responde no seminário 25: “Por que diabos a introduzi? Porque, me parece, tem a ver com a clínica.”

A formalização matemática foi sempre utilizada para fazer a mostraçãõ de como a Psicanálise opera. Lacan inventa os matemas desde o início do seu ensino e termina com a cadeia borromeana. A cadeia borromeana não é uma matema, é um objeto matemático da teoria dos nós. Tem a ver com os matemas mas não é um matema. A escrita dos matemas tenta tocar o Real da estrutura, enquanto a cadeia borromeana é a estrutura.

E por que a matemática?

Porque só a matemática faz referência ao escrito como tal.

Trabalhando inicialmente tendo Cantor e sua teoria dos conjuntos como fonte...

Aqui vou fazer mais uma volta no tempo...

Cantor distinguiu 2 tipos de conjunto, o conjunto que é contável e ele o destacou no interior da escrita, ou seja, é no interior da escrita que faz equivaler a série dos números inteiros, por exemplo, a série dos números pares. Para Cantor, um conjunto só é contável a partir do momento em que se demonstra que ele é biunívoco. Essa era uma das referências usada por Lacan, além do estruturalismo, para construir seus axiomas, pelo menos até os seminários 14... 15, e vem daí o aforismo “o Sujeito é representado por um Significante – S1 – para/entre outro Significante – S2.”

A partir desses seminários Lacan foi beber de outras fontes, entre elas a lógica. Muitas coisas mudaram a partir desse momento. Lacan passa a se questionar sobre a importância do Complexo de Édipo, sobre a nosografia psiquiátrica herdada por Freud.

Começa a falar da estrutura flexível, maleável... e nos diz que não existe a psicose, a neurose e a perversão, existe o psicótico, o neurótico e o perverso, um a um. Ou seja, não é a estrutura que é neurótica, perversa e/ou psicótica, a estrutura é a linguagem, é o real, o Simbólico e o Imaginário enodados. Real, Simbólico e Imaginário, 3 consistências que enodadas, fazem Um, é o espaço topológico do falasser.

No texto “Talvez em Vincennes”, publicado em 1975, ele vai escrever que trabalha com a lógica sob a condição de que se acentue ser ela uma ciência do Real por permitir o acesso ao Impossível, ou seja, ao Real, ponto de seu interesse clínico.

Se nesse texto Real foi dito como o Impossível, o que não cessa de não se escrever, no seminário 24, Lacan faz uma aproximação com o possível, a espera que se escreva... é com isso que todo analista precisa saber lidar.

No ano seguinte, 1976, diz que temos a sugestão de que o Real não cessa de se escrever - o necessário -, dado que é pela escrita que se produz o forçamento.

O Real, assim mesmo, se escreve, senão, como ele aparecerá? Pergunta. Responde: “É por isso que o Real está aí...Ele está aí devido ao meu modo de escrevê-lo.”

No seminário 21, anos antes, na lição já comentada, já traz essa noção do necessário para o saber inventado, ao se referir à lógica modal.

“O mais importante, heim, é que, é claro, para o que se trata de construir, de inventar – e vejam aí todos os ecos de intuicionismo que lhes agradar, se vocês sabem tanto que é – um dia traduzi para vocês o necessário pelo que não cessa de se escrever. Bem...” (Seminário 21, Os não tolos erram)

Então podemos dizer que o saber, quando inventado sobre o Real, sobre o gozo e a morte, o saber do inconsciente passa do impossível para o necessário... aquilo que não cessa de se escrever.

Em uma passagem no Radiofonia (Outros Escritos, pag. 418), encontramos que fazer o gozo passar para o inconsciente, isto é, para a contabilidade (no seminário RSI Lacan já tinha dito que o inconsciente era um contador), é de fato um deslocamento danado.

E continua; “É que não metaforizo a metáfora nem metonimizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e à transposição no inconsciente. Mas desloco-me com o deslocamento do Real no Simbólico, e me condenso para dar peso a meus símbolos no Real, como convém para seguir o inconsciente em sua pista.”

Mas do que se trata na escrita? Se trata de um artifício, algo inventado, efeito de significante.

Qual a importância disso na nossa prática?

O Real só vai aparecer por meio desse artifício, que é a escrita, ligado ao fato de que há fala e mesmo dizer, e o dizer concerne ao que se chama a verdade, ou, melhor dito, a meia verdade. Um dizer que se ‘estalela, em ato... que se realiza.

Então podemos concluir, a partir da nossa experiência, que há escrita no inconsciente?

Não nos parece que as formações do inconsciente descobertas por Freud se definem pelo legível? O legível, ler de outra forma aquilo que foi dito... não é isso que consiste o saber?

O saber não sabido do inconsciente que vai ser inventado em ato, no “aqui e agora” de cada sessão?

Não é isso que consiste a nossa prática?

Na análise, é o equívoco que domina a cena...

Vale aqui lembrar que que *équivoque*, na língua francesa, não comporta o sentido do erro, como na nossa língua, e sim ambiguidade, dubiedade.

Também no escrito “Talvez em Vincennes” (Outros Escritos) encontramos que o equívoco reconhece a abordagem predileta do inconsciente para reduzir o sintoma: contradizer o sentido. “Em outras palavras, fazer o sentido, outro, à linguagem”. (Lacan)

Bem, como vocês estão podendo me acompanhar, espero que vocês estejam me acompanhando... sobre “o aparelho psíquico” versus “o inconsciente em Freud” não abordei hoje, mas deixo como referência a primeira parte do texto de Dominique Firgermann “O que falar quer dizer”. Texto muito rico e interessante.

Nesse texto a autora, logo no início nos apresenta como Freud inventou a Psicanálise – tanto em inten(s)ção como em extensão, ou seja, a clínica e sua transmissão, descobrindo “a força da palavra”.

Lacan, como ele mesmo declarou no final do seminário 25 “O tempo de concluir”, interrogando Freud, e, “aplicando-se dessa forma à Psicanálise” (como sabemos ele era um aluno extremamente aplicado), a fez progredir. Ele chega a afirmar que fazendo daquela maneira, própria a seu estilo, ele ultrapassou Freud. Na leitura que faço, a lógica e a topologia da cadeia borromeana, baseada na teoria dos Nós, o entrelaç, como

chamam os matemáticos franceses, deu a Lacan, as máquinas necessárias para ele fazer essa ultrapassagem. Lacan era um homem do seu tempo, assim como Freud, e ambos souberam tirar proveito disso: das pegadas das suas épocas.

Também sabemos que, em uma das suas últimas aparições, em Caracas, Lacan se disse freudiano. Cito:

“Venho aqui antes de lançar minha *Causa freudiana*. Eu sou freudiano.

É por isso que acredito ser bem-vindo lhes dizer algumas palavras do debate que mantenho com Freud não de hoje. Vou resumir isso...

Pois bem: meus *três* não são o de vocês. Meus *três* são o Real, o Simbólico e o Imaginário. Cheguei a situá-los numa topologia, a do nó chamado borromeano.

O nó borromeano coloca em evidência a função do ao-menos-três. Aquele ata os outros desatados.

Dei isso aos meus. Dei-lhes para que se reencontrem na prática. Mas será que se reencontrarão melhor do que na tópica legada por Freud aos seus?

É preciso dizer isso: o que Freud esboçou com sua tópica, chamada segunda, é muito desajeitado. Imagino que era para se fazer entender, sem dúvida, dado os limites de seu tempo.

Mas não podemos de preferência tirar proveito do que lá representa a aproximação de meu nó?”

Sim, Lacan era freudiano.

Lógicamente não podia ser, ele mesmo, sendo Lacan, lacaniano. É a mesma construção lógica que é apresentada no exemplo do dicionário dos dicionários que não inclui a ele mesmo...

Lacan era freudiano, eu sou lacaniana, e, sendo lacaniana, sou freudiana... Simples assim...

Apesar de freudiano, não se poupou em dizer que Freud foi imprudente, mesmo levando em conta os pensamentos que o orientavam na sua época, das “coordenadas que chamamos culturais”, ao denominar o Complexo de Édipo, colocando essa tragédia no centro da experiência analítica. Essa imprudência levou a uma cristalização do pensamento psicanalítico... me parece que nós, psicanalistas, não queremos largar desse osso.

Lacan chega a afirmar no Seminário 25, que esse pensamento beira a debilidade mental...

Lacan nos faz um convite para revirmos a Psicanálise pelo avesso... avesso aqui não implica nenhum direito. Trata-se, aqui, de uma relação de trama, de texto, de tecido... Um tecido que tem um relevo, que captura alguma coisa... como no reviramento do toro...

Avesso que é assonante com Verdade... *envers* e *verité*...

É uma pena que no português perdemos a assonância que existe entre as palavras “*avesso e Verdade*” presente no francês. Sabemos como isso é caro na nossa clínica. A sonoridade das palavras, das letras...

Sabemos também que só existe analista se esse desejo lhe advier, e que, com isso, ele (o candidato a analista) possa suportar ser o rebotalho (*rebut*) da dita humanidade. (Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967. Outros Escritos).

No texto “Notas Italianas” (Outros Escritos), encontramos que “Um analista é aquele que vislumbrou de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso... em função da inexistência da proporção sexual. É nisso que o analista deve ter circunscrito a causa do seu horror, o dele próprio, o horror de saber.”

A partir daí ele adquire a condição de ser um rebotalho. É isso que o analista deve ao menos ter feito o candidato sentir. “Se com isso ele não for levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”. (Lacan no texto Notas Italianas, p. 313. Outros Escritos)

Então, final de análise não seria aquele instante de ver no qual o Sujeito fazente (Sujeito advertido é também um Sujeito “fazente”, um artesão), além de conhecer seu sintoma, adquire os dispositivos necessários para saber o que fazer com, saber lidar?

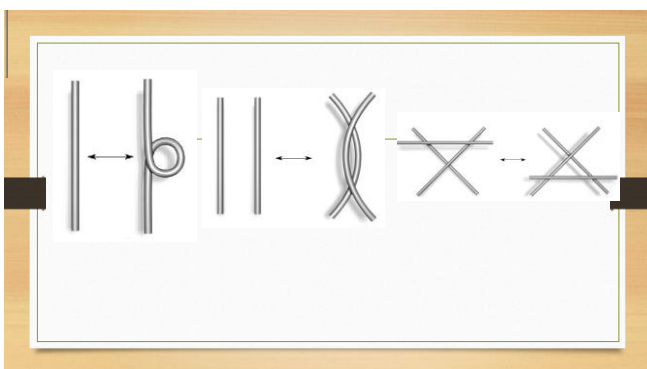
Dito de outra maneira, não seria o final de análise dado quando o Sujeito fazente inventa um saber fazer com os efeitos de gozo que o Real, o Simbólico e o Imaginário, entrelaçados, produzem no corpo que o sustenta?

Um saber que deixa de ser insabido, um saber que não se sabe, como, talvez, no início de uma análise, para ganhar o estatuto de invenção: saber inventado?

Assim, a minha aposta é a de que a intervenção do analista, quando tem efeito de ato analítico, possibilita ao analisante, ao buscar uma entre tantas “vari(e)dade” (*varité*) da Verdade que lhe convém, inventar um saber fazer com os efeitos dos gozos que lhe

afeta no exato momento em que o faz interrogar sobre os enigmas do seu desejo, e, ao chegar ao final da análise, o analisante inventa um saber fazer com os pedaços do Real que invadem suas realidades... pedaços do Real que, ao logo da sua ex-sistência, produziram efeitos de gozo, geraram sofrimentos, sintomas, inibição e angústia.

Para terminar, um último comentário sobre os sintomas: Lacan nos mostrou que é no equívoco, e no que ele comporta de abolição do sentido, que o que concerne ao gozo, pode vir a se estreitar, e a transformação da cadeia, pelos movimentos de Reidemeister (torça em qualquer direção, mova um fio completamente sobre outro, mova um fio completamente sobre ou sob uma trave), faz uma mostraçãõ desses possíveis estreitamentos.



Os 3 movimentos de Reidemeister

Portanto, se o sentido avança, ele dá substância ao sintoma, porém, se se joga com o equívoco, o nó do real, o nó do Simbólico e o nó do imaginário, que enlaçados, formam a estrutura de todo falasser, poderão ser esticados, havendo um estreitamento em um ou em todos os campos do gozo.

Já terminando, apresento, em francês, um verso do livro de Etienne Tauborot. Usei quatro cores em colunas, que podem ser lidas tanto verticalmente como horizontalmente, fazendo mais uma mostraçãõ que a falta de sentido e o sentido que escapa podem ser revelados e apreendidos, como devem ser numa Psicanálise.

“Autrefois j’ai fait ces suivants en faveur d’une de mes idoles parlantes :

*Ta beauté, ta vertu, ton esprit, ton maintien
Éblouit, et défait, assoupit et renflamme
Par ses rais, par penser, par crainte, pour un rien
Mes deux yeux, mon amour, mes desseins, et mon âme.”*

(Etienne Tabourot, *Les Bigarrures du Seigneur des Accords*, Paris, Jean Richer, 1583, chapitre XIII,

“Uma vez eu fiz isso seguindo em favor de um dos meus ídolos falando:

Tua beleza, tua virtude, teu espírito, tua defesa
Cega/fascina, e defeito, adormece, acende
Pelos raios de sol, por pensar, por temer, para nada
Meus dois olhos, meu amor, minhas intenções, minha alma.”

Com esse ensaio espero ter contribuído um pouco para que a Psicanálise permaneça no mundo, causando efeitos.

Liane Trece

Psicanalista, membro do Espaço Moebius

Trabalho apresentado na escola do Fórum Salvador, em 01 de setembro de 2021

Referências

Harari, Roberto. Como se chama James Joyce? : A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador – BA: Ágalma; Rio de Janeiro: Campo Matêmico. 2002

Lacan, J. O Seminário, livro 4 – A relação de objeto – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1995

Lacan, J. O Seminário, livro 5 – As formações do inconsciente – Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil, Jorge Zahar Ed.1999

Lacan, J. O Seminário, livro 15: O Ato - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar

Lacan, J. O Seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar

Lacan, J. O Seminário, livro 19 – ... Ou Pior – Inédito – 1974/1975

Lacan, J. O Seminário, livro 20: Mais ainda - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar

Lacan, J. O Seminário, livro 22 – RSI – Inédito – 1974/1975

Lacan, J. O Seminário, livro 23: o sinthoma - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2007

Lacan, J. O Seminário, livro 24 – O não sabido que sabe de um-equívoco é o amor – Inédito 1977/1978

Lacan, J. O Seminário, livro 25 - Inédito 1978/1979

Lacan, J. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2003

Lacan, J. Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 1998